

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA: “OS HOMENS AMAM A GUERRA”

Maysa Cristina Dourado (Ufac/Unesp)ⁱ

Não serei o poeta do mundo caduco/
Também não cantarei o mundo futuro. /
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
(Drummond)

A busca da felicidade é um objetivo essencial da vida de todas as pessoas. Elas querem ser felizes e assim permanecer. Entretanto, a história do homem sobre a face da terra é testemunho da violência do homem contra o homem. Para o pai da Psicanálise, Sigmund Freud, o homem possui uma inclinação instintiva para a agressão e um poder nato de destruição. Para o poeta Affonso Romano de Sant'Anna, o mundo está cada vez mais violento e complexo. Nossa situação é insustentável, e por isso, ideal para os poetas, já que a poesia diz mais sobre a natureza humana do que qualquer forma de arte.

O objetivo deste estudo é estabelecer nexos entre o pensamento de Freud, desenvolvido em *O Mal Estar na Civilização* e a poesia de Sant'Anna, buscando ver de que forma essa mania destrutiva dos participantes da civilização é desvelada dentro de seu poema “Os Homens Amam a Guerra.” Nesse sentido, resgataremos ainda a visão da guerra como uma forma de jogo, desenvolvida pelo ensaísta holandês, Johan Huizinga, no clássico *Homo Ludens*, a visão crítica do poeta norte-americano Charles Simic, em seu ensaio “*Notes on Poetry and History*”, no qual ele destaca a relação entre História e poesia e o conceito da teoria da carnavalização, criado por Mikhail Bakhtin.

Pertencentes a uma linhagem de poetas-críticos contemporâneos, Sant'Anna e Simic não se isolam no hermetismo e fazem da tragédia advinda de situações de guerra a matéria prima de muitos de seus poemas. Em contraposição aos poetas que se isolam na “torre de marfim”, eles reagem à realidade circundante e tentam expressá-la em seus poemas numa hábil confluência entre História, guerra e poesia.

O poeta Affonso Romano de Sant'Anna nasceu em 1937, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Em 1965 publicou seu primeiro livro de poemas, *Canto e Palavra*. Entre os anos de 65 e 67, Sant'Anna lecionou Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia, em Universidades da França, Alemanha, Dinamarca e Portugal. De volta ao Brasil, lecionou na PUC e na UFRJ. As coleções de poemas *A Grande Fala do Índio Guarani Perdido na História e Outras Derrotas* e *Que País é Este?* são publicadas, respectivamente, em 1978 e 1990. Em ambos os livros o autor explora a poesia dos acontecimentos sociais e reafirma sua perplexidade diante da História e do tempo.

Em 1987, Sant'Anna publicou *A Catedral de Colônia*. Dele destacamos o longo poema “O Último Tango nas Malvinas”, escrito por ocasião daquela guerra, quando o poeta lecionava na França. Posteriormente, e após a retirada de alguns versos, o poema passou a ser intitulado “Os Homens Amam a Guerra”. Este poema, objeto de nossa análise, nos fala da violência do homem contra si mesmo e contra seu próximo e, comprova que a história da humanidade se assemelha a uma história de guerras e conflitos incessantes.

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud defende que o ser humano possui um instinto nato de agressividade, e tal instinto constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o próximo. Baseando-se na teoria das pulsões, ele afirma que a “crise existencial” do homem moderno deve-se ao fato de que, não somos governados pela razão, mas sim por forças instintivas (*id*) que nos são desconhecidas, já que são frutos do nosso inconsciente. Para defender-se das exigências instintivas, que reivindicam a satisfação total de todos os seus desejos, a sociedade (*superego*) elabora normas e

cria instituições, garantindo as proibições que a cultura impõe aos indivíduos. Assim, as civilizações se erguem sobre a coerção e sobre a renúncia aos instintos (*pulsões*). Ainda segundo Freud, em todos os indivíduos, mesmos naqueles mais dóceis, sobrevivem impulsos destrutivos e anti-sociais. Em algumas pessoas tais tendências são excessivamente fortes e determinam seu repertório de comportamento social ou anti-social.

Essa agressividade, que para Freud é o maior impedimento à civilização, se expressa em uma “hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um” (FREUD, 1997, p. 81). É nesse ponto que o pensamento de Freud se cruza com a poesia de Sant’Anna, em especial, seus poemas mais recentes, nos quais ele descreve a condição humana num século marcado pela destruição em massa.

No poema “Os Homens Amam a Guerra”, Sant’Anna nos apresenta uma sociedade em que a guerra não é estranha ao homem, não provoca medo ou horror, pelo contrário, nela

Os homens amam a guerra. Por isso
se armam festivos em coro e cores
para o dúbio esporte da morte.

O poeta não a exalta nem maldiz tal sociedade, mas a expressa, revelando e expondo o ritual e a tradição de guerra e morte que nos acompanha desde os primórdios:

Os homens amam a guerra. Mas não a amam
só com a coragem do atleta
e a empáfia militar, mas com a piedosa
voz do sacerdote, que antes do combate
serve a hóstia da morte.

Em *Homo Ludens*, Johan Huizinga discute a idéia da guerra como um nobre jogo de honras e respeito e destaca que,

Os senhores da guerra da China antiga costumavam trocar jarros de vinho, que eram solenemente bebidos em meio a reminiscências de um passado mais pacífico e protestos de mútua estima. Saudavam-se reciprocamente com os mais requintados cumprimentos e reverências, e davam armas uns aos outros como presentes. (HUIZINGA, 2004, p.111)

Huizinga ressalta ainda que o costume da troca de cumprimentos com o inimigo é conservado mesmo nas guerras atuais. Para Sant’Anna sempre foi assim: “Imperadores e generais em outros tempos preparavam grandes banquetes na véspera da batalha. Comer e lutar. Comer o outro e/ou morrer.”¹

Foi assim na Criméia e Tróia,
na Eritréia e Angola,
na Mongólia e Argélia,
no Saara e agora.

Ao chamar a guerra de “esporte da morte” e comparar os soldados com “atletas”, o poeta estabelece uma relação entre o jogo e a guerra. Segundo Sant’Anna, “a guerra é um jogo. (...) uma arte. Um jogo macabro. Uma arte mortal.”² Para acrescenta,

¹ SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Guerra: Símbolos e Rituais”. Enviado pelo autor via e-mail.

² SANT’ANNA, Affonso Romano de. “O Jogo da Guerra”. Enviado pelo autor via e-mail.

Não há dúvida que em todos estes usos cerimoniais e rituais, verificáveis na tradição de todas as regiões do mundo, vemos claramente que a guerra tem origem naquela esfera primitiva de permanente e acirrada competição onde intimamente se confundem o jogo e o combate, a justiça, o destino e a sorte. (HUIZINGA, 2004, p. 113)

A temática do amor à guerra, o tema principal do poema em análise, está configurado com todas as suas implicações. A repetição da afirmação “Os homens amam a guerra”, desde o título do poema, faz com que os ecos do mal-estar se multipliquem e nos impõe a idéia de algo fatídico e inescapável. Entende o poeta que por tanto amarem a guerra os homens não sofrem “perigo de paz”. Dentro dessa realidade histórica, a guerra não tem por fim a destruição do mal, o restabelecimento da paz, da justiça e da harmonia. Pelo contrário, no poema, a vida é a morte. E esta, aquela:

Mais que gêmeas
são xifópagas, par e ímpar, sorte e azar
são ouroboro – cobra circular
eternamente a nos devorar.

Freud destaca que, passada a juventude, abandonamos, como sendo ilusões, as esperanças que depositamos em nossos semelhantes e aprendemos quanta dificuldade e sofrimento é acrescentado as nossas vidas por má vontade deles (FREUD, 1997, p. 64). Neste sentido, também o poeta aborda a desilusão humana quanto às esperanças de paz:

Durante séculos pensei
que a guerra fosse o desvio
e a paz, a rota. Enganei.

O poema destaca que atraídos, ao mesmo tempo, pelo fascínio e repulsa, pelo desejo e medo, as pessoas são seduzidas pelas imagens da guerra e outras formas de horror. Assim como foi marcante a influência da escola de arquitetura de Bauhaus entre arquitetos e artistas de vanguarda, também é influente a manifestação da guerra entre as gerações que se sucedem:

A guerra é arte.
E com o ardor dos vanguardistas
freqüentamos a Bienal do Horror
e inauguramos a Bauhaus da Morte.

Fica claro, assim, que como uma bienal do desejo e do medo, o horror possui atrações a que dificilmente se resiste e, após tantas guerras as pessoas se habitua ao medo, a morte e outras formas de horror. Em tempos mais recentes, os homens assistem quase que diariamente, as invasões a países e ao terrorismo. É difícil encarar tais imagens e ao mesmo tempo, as pessoas não conseguem evitar olhá-las. Para o poeta Charles Simic,

It's really raw data of history given to us so soon after the event and in such detail that makes each one of us a voyeur, a Peeping Tom of the death chamber. On one hand the multiplication of the images of suffering and atrocity, and on the other hand the unreality they bring to our lives with the accompanying suspicion that all that suffering is meaningless, that it is

already being forgotten, that tomorrow brand-new sufferings will come.
(SIMIC, 1985, p. 125) ³

Para Freud, o instinto sádico faz com que a afeição seja substituída pela crueldade e o instinto de morte satisfaz integralmente o impulso erótico. (FREUD, 1997, p. 80). E quanto à satisfação dos instintos freudianos, o poeta esculpe uma frase dura, profundamente simbólica e cruelmente real:

Nada mais sedutor
que Cristo na cruz.

Aprende-se no poema que o homem ama a guerra porque aprendeu a matar. Ele não somente aperfeiçoou esse ofício, mas o tornou arte:

Por isso, em cima da carniça não há urubus,
chacais, abutres, hienas.
Há lindas garças de alumínio, serenas,
num eletrônico balé.
Talvez fosse só a dança da morte, patética.
Não é. É apenas outra lição de estética.

Desta forma, o poeta demonstra o ponto de sofisticação que a guerra – o balé morte – atingiu após tantos anos de guerra. Da mesma forma, as ações de déspotas travestidos de democratas não fogem à exposição do poema que, desnudando e desmascarando tanta ignomínia, sentencia:

Daí que os soldados modernos
são como médico e engenheiro
e nenhum ministro da guerra
usa roupa de açougueiro.

Nas próximas linhas do poema, o homem é retratado como uma besta selvagem a quem a consideração para com a sua espécie é algo estranho:

Guerra é guerra!
dizia o invasor violento
violentando a freira no convento
Guerra é guerra!
dizia a estátua do almirante
com a boca de cimento.
Guerra é guerra!
dizemos no radar
degustando o inimigo

³ É a crueza das informações da História que nos trazida logo após os eventos, com tanta clareza de detalhes, que nos transformam em *voyeurs*, um Peeping Tom da câmara de morte. Por um lado, a multiplicação das imagens de sofrimento e atrocidade, e por outro, a sensação de irrealidade que tais acontecimentos trazem para as nossas vidas, acompanhados pela suspeita de que todos eles são inexpressivos, de que tudo já foi esquecido, de que amanhã novos sofrimentos virão. (Tradução minha.)

ao norte do paladar.

Para Freud, o instinto agressivo – principal representante do instinto de morte – convive lado a lado de Eros e com este divide o domínio do mundo. Daí que o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo é realmente justificável pelo fato de nada mais ir tão fortemente de encontro à natureza original humana (FREUD, 1997, p. 69). A inclinação para a agressividade se manifesta espontaneamente no homem, mesmo quando as circunstâncias lhe são favoráveis. Freud adverte ainda que,

Quem quer que relembre as atrocidades cometidas durante as migrações raciais ou as invasões dos hunos, ou pelos povos conhecidos como mongóis sob a chefia de Gengis Khan e Tamerlão, ou na captura de Jerusalém pelos piedosos cruzados, ou mesmo, na verdade, os horrores da recente guerra mundial, quem quer que relembre tais coisas terá de se curvar humildemente ante a verdade dessa opinião. (FREUD, 1997, p. 68)

Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário na tecnologia bélica. Os homens se orgulham de suas realizações, contudo isso não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa. Pelo contrário, em *O Mal Estar na Civilização*, o progresso é considerado, em grande parte, responsável por nossas desgraças. (FREUD, 1997, p.38). Para Simic, nossa selvageria difere das relativas aos séculos anteriores porque argumentamos sempre que matamos exclusivamente em defesa da vida, visando o restabelecimento da paz, da justiça e da harmonia.

Ressaltando a idéia freudiana de que “os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo podem defender-se quando atacadas,” (FREUD, 1997, p.67) o poeta condena com palavras mansas – mas sem perder a contundência – a própria hipocrisia humana e a desfaçatez que campeia entre os que namoram a guerra:

Não é preciso disfarçar
o amor à guerra, com história de amor à pátria
e defesa do lar. Amamos a guerra
e a paz, em bigamia exemplar,

Huizinga enfatiza que mesmo quando a guerra é “validada” pelo caráter agonístico, muitas vezes, esta serve apenas de pretexto para que se inicie o massacre. Na maioria dos casos, os verdadeiros motivos podem ser encontrados menos na luta pela vida, do que “no orgulho, no desejo de glória, de prestígio e de todas as pompas de superioridade.” (HUIZINGA, 2004, p. 103) O instinto sádico do homem é revelado pelo poeta em diversas passagens do poema, das quais destacamos a seguinte:

De manhã abrimos vísceras de peixes
com a ponta das baionetas
e ao som da culinária trombeta
enfiamos adagas em nossos porcos
e requintamos de medalha
- os mortos sobre a mesa.

Além da beleza, aliada ao instinto sádico do homem, o poeta destaca também a “limpeza” como sendo uma das exigências das guerras mais recentes:

Se possível, a carne limpa, sem sangue.
Que o míssil silente lançado à distância
não respingue em nossa roupa.

Apesar desse distanciamento, na chamada “guerra cirúrgica” que tenta esconder certas coisas dos olhares, a agressividade continua sendo a base de toda relação de afeto e amor entre as pessoas:

Mas se for preciso um ‘banho de sangue’
-como dizia Terêncio:- ‘sou humano
e nada do que é humano me é estranho.’

Huizinga destaca que, sendo essencialmente uma forma de jogo, o duelo é simbólico: “o que importa é o derramamento de sangue, e não a morte.” (HUIZINGA, 2004, p. 108) Segundo Freud, essa característica indestrutível da natureza humana reina quase que absoluto nas sociedades, com a única exceção talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem. Para ele, devido a essa mútua hostilidade dos seres presentes, a sociedade se vê permanentemente ameaçada de desintegração (FREUD, 1997, pp. 68-70).

“- Terrível é o teu discurso, poeta,” diz um interlocutor imaginário, para depois o próprio poeta responder: “Terrível o foi elaborar. Agora me sinto livre.” Assim, ele mistura-se ao próprio texto, revelando a própria dor ao traduzir com seus versos essa realidade penosa da guerra. Como quem corta a própria carne, o poeta reconhece que os homens amam a guerra. Pior: os homens fazem da guerra um ofício contumaz e prazeroso; a lapidam, aperfeiçoam e se vangloriam disso. Parece que é uma busca compulsiva pelo sofrimento que lhes move a alma.

O poeta, sabendo-se sofredor por si, pelo outro e pelo amor de muitos à guerra, escreve:

Animal
humano, vou em marcha, danças, prece
para o grande carnaval.
Soldado, penitente, poeta
- a paz e a guerra, a vida e a morte
me aguardam
- num atômico funeral.

O confronto entre Eros e seu imortal adversário, a Morte dá-se pela simbiose entre festa e guerra que encontramos ao longo de todo o poema. A guerra é retratada como parte de um espetáculo:

E não é tragédia apenas.
É comédia, real ou popular,
é algo melhor que circo:
- é onde o alegre trapezista

vestido de kamicaze
salta sem rede e suporte,
quebram-se todos os pratos
e o contorcionista se parte
no kamasutra da morte.

A guerra tomada como um show, representada de forma cômico-séria é uma das características da “carnevalização”, termo criado por Mikhail Bakhtin em 1928. Uma das particularidades da literatura carnalizada é a opção pelos problemas sócio-políticos contemporâneos sempre habitados por contrastes violentos, por oxímoros: vida e morte, religião e festa, violência e orgia, erudito e popular, oficial e não-oficial, guerra e festa, mundo alegre e mundo repressivo, ditadura e liberdade. Na visão bakhtiniana, “o carnaval aproxima, reúne e combina o sagrado e o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, a sabedoria com a tolice e o sério ao cômico.” (BAKHTIN, 1997, p. 123). No poema, todas as dualidades – que desvendam a dialética da própria vida – estão colocadas num mesmo plano:

A guerra não é o avesso da paz.
É seu berço e seio complementar.
E o horror não é o inverso do belo
– é o seu par. Os homens amam o belo
Mas gostam do horror na arte. O horror
Não é escuro, é a contraparte da luz.
Lúcifer é Lubel⁴ brilha como Gabriel
E o terror seduz.

Valendo-se da variação cromática de Lusbel – o luminoso – o poeta ressalta a sedução do maligno nas duas últimas linhas da estrofe destacada acima. Em uma referência ao versículo da Bíblia que testemunha a luminosidade do diabo: “Eu vi Satã cair como um relâmpago do céu.” (Lucas, X, 18), Lúcifer ou Lusbel, o anjo caído é comparado a Gabriel, o anjo da anunciação, não havendo, desta forma, uma oposição entre o bem e o mal, a virtude e o pecado.

Ao final do poema, o poeta indaga se a espécie humana, de uma vez por todas chegará, de fato, ao extermínio tão possível nos dias de hoje. Ele mesmo, indubitável e esperançosamente, responde que não. Ainda crê o poeta que sempre sobram alguns da espécie. Sua esperança é que uma nova gênese se inscreva no espaço de vida que restar, e que “Hão de sobrar um novo Adão e Eva/ a refazer o amor,”. Mas, num filete do último verso deixa escapar que destes, novamente, dois irmãos serão refeitos: Caim e Abel. E estes reinventarão a guerra.

A crença de que os homens amam a guerra faz com que o poeta mate a sua própria esperança de paz e, a aceitação desse caráter trágico do ser humano é, para ele, algo verdadeiramente irreversível, confirmando assim o Mito do Eterno Retorno, que afirma que nenhum acontecimento é único, nada acontece apenas uma vez; todo episódio já aconteceu, é repetido e será reprisado de modo perpétuo (ELIADE, 1988). A repetição da declaração “Os homens amam a guerra” ao longo de todo poema também nos impõe a idéia de uma maldição, multiplicando os ecos de mal-estar. O sofrimento e a infelicidade continuará sendo, inexoravelmente, uma realidade para o homem. Freud destaca que a questão fatídica para a espécie humana parece ser saber se seu

⁴ Apesar de a palavra Lubel constar em todas as edições do poema, o termo correto é “Lusbel”, uma variação do nome dado ao demônio. Esta informação foi dada pelo poeta, via e-mail. O poeta alude novamente a “Lusbel” em *O Canibalismo Amoroso*, no qual estuda a presença do diabo na poesia simbolista-fim de século.

desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida causada pelo instinto de autodestruição:

Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle que, com sua ajuda, não teriam dificuldade em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. (FREUD, 1997, pp. 111-2)

O poema não é organizado de acordo com convenções preestabelecidas de ritmo, metro e estrofes padronizadas. O poeta intercala discurso direto com linguagem figurada, personagens retiradas da Bíblia, da mitologia, do folclore. A maneira como as dualidades semânticas se misturam e se combinam – vida e morte, guerra santa e guerra profana, amor à guerra e amor à paz – confirma a situação conflitante e a situação de perigo eminente. Além disso, este estranhamento é também é responsável pelo aumento da poeticidade do poema.

A análise do poema de Sant’Anna mostra a grande preocupação histórica do poeta. Do passado, encontramos referências que vão desde a Guerra de Tróia até guerras mais recentes. Como uma longa cronologia das guerras, o poema é dotado de um cunho realista e pode ser inserido em uma História mais ampla. Octávio Paz, em *O Arco e a Lira*, declara que a História é o lugar de encarnação da palavra poética, estabelecendo, assim, uma relação visceral, de dependência mútua entre poesia e História:

A história é o lugar de encarnação da palavra poética. (...) Sem a história – sem os homens, que são a origem, a substância e o fim da história – o poema não poderia nascer nem encarnar; e sem o poema tampouco haveria história, porque não haveria origem nem começo.(...) As relações entre poema e história não apresentam fissura alguma: o poema é um produto social. (PAZ, 1982, 228)

Simic ressalta que o poeta como qualquer outra pessoa é parte da História, mas ele deve ser a parte consciente. Este é o ideal e é isto que o poema de Sant’Anna nos revela, assim como nos revelou os poemas de Walt Whitman, de Drummond, de Cecília Meireles e, nos revela atualmente os poemas de Adrienne Rich, Yuseef Komunyakka e Carolyn Forché, entre tantos outros que têm se preocupado em descrever e registrar o estado geral de desespero, agonia e loucura que toma conta das nações. Para Paz, as imagens do poeta “nos dizem algo sobre o mundo e sobre nós mesmos e esse algo, ainda que pareça um disparate, nos revela de fato quem somos.” (PAZ, 1982, p. 131)

Segundo Theodor Adorno, em *“Lyric Poetry and Society”*, o poema lírico não é apenas uma expressão de mera individualidade, mas o resultado de uma interação promovida entre o poeta, suas experiências pessoais, seus discursos e os anseios sociais. A presença dessa interação confere uma maior credibilidade ao escritor, porque sua audiência percebe que o poema não é uma apologia tendenciosa contra uma injustiça social, mas o resultado de uma experiência humana em diálogo com uma realidade social dada. (ADORNO, 1989)

Passados mais de vinte anos depois que o poema foi escrito e publicado, comprovamos que a poesia de Sant’Anna não nos liga somente à história do passado, mas está em constante diálogo com o presente. Recentemente, o poema mereceu uma edição especial e foi traduzido em várias línguas. Tendo o cenário de várias guerras, o poema deve sua grandeza não só ao arranjo artístico das palavras e figuras empregadas, mas ao fato de que presente e passado confundem-se, reafirmando o mito latino segundo o qual *homi homini lupus*.⁵

⁵ O homem é o lobo do homem.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. "Lyric Poetry and Society." **Critical Theory and Society**. Eds. Stephen Eric Bonner and Douglas Mackay Kellner. New York: Routledge, 1989, p. 155-171.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Edições 70, 1988.

FREUD, Sigmund. **O Mal Estar na Civilização** (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANT'ANNA, Affonso. **Poesia Reunida 1965-1999**. Vol. 2. Porto Alegre: L&PM, 2004.

---. **Os Homens Amam a Guerra**. Francisco Alves, 2003.

---. **O Canibalismo Amoroso**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

SIMIC, Charles. "Notes on Poetry and History". **The Uncertainty Certainty: Interviews, Essays and Notes on Poetry**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1995.

ⁱ Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre, doutoranda do Programa de Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara. maysacristina@hotmail.com